

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

KELLEN PRICILA DOS SANTOS COCHINSKI

**O CORTIÇO: O CONTEXTO OITOCENTISTA E AS RELAÇÕES DE TRABALHO E  
MORADIA**

CURITIBA

2019

KELLEN PRICILA DOS SANTOS COCHINSKI

**O CORTIÇO: O CONTEXTO OITOCENTISTA E AS RELAÇÕES DE TRABALHO E  
MORADIA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima

CURITIBA

2019

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

### **O CORTIÇO: O CONTEXTO OITOCENTISTA E AS RELAÇÕES DE TRABALHO E MORADIA**

Por

Kellen Pricila dos Santos Cochinski

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção de título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 12 de dezembro de 2019.

---

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima  
Orientador

---

Profa. Dra. Maurini de Souza  
Membro titular

---

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida  
Membro titular

O termo de aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

## RESUMO

COCHINSKI, Kellen Pricila dos Santos. O Cortiço: o contexto oitocentista e as relações de trabalho e moradia. 19 f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba. 2019.

O objetivo deste trabalho é buscar na obra *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo, referências do contexto histórico e perceber as relações existentes nesse momento de grandes transformações histórico-político-sociais na formação das cidades e da construção da identidade nacional. O cenário da obra é o Rio de Janeiro oitocentista e suas mazelas sociais, econômicas e políticas, e tem como pano de fundo a realidade cotidiana, a questão do preconceito quanto à cor e à classe social e a busca pela ascensão social a qualquer preço. Através das personagens, Aluísio Azevedo faz um retrato da sociedade da época sustentando o enredo na história brasileira através de dois espaços, representadas por dois ambientes distintos, embora próximos espacialmente: o cortiço e o sobrado.

**Palavras-chave:** História. Literatura. O cortiço. Século XIX. Trabalho e moradia.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2 ANÁLISE DA OBRA.....</b>	<b>9</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>18</b>
<b>4 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>19</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil do século XIX é o resultado de sua construção histórica, e para compreender as relações sociais, econômicas e políticas desse período devemos voltar o olhar para a história. O Período Colonial foi marcado por fortes mudanças econômicas, políticas e sociais em Portugal e que conseqüentemente repercutiram na colônia. Enquanto na Europa o pensamento científico moderno ganha forças e provoca complexas e profundas transformações em alguns países, em Portugal encontra resistência e deixa o país visto como um modelo atrasado em relação a França e Inglaterra, por exemplo. Diante disso, era necessário investir no desenvolvimento técnico-científico, em reformas na educação e modernização, conseqüentemente algumas mudanças chegaram à colônia. Além disso, circunstâncias pontuais, como a vinda da família real (1808) e o movimento de independência impulsionaram a tentativa de levar o país à condição de civilizado. A instalação da corte portuguesa no Rio de Janeiro, então capital do país, provoca muitas mudanças que buscavam adequar a cidade a sua condição de sede do governo imperial.

A realidade das cidades da primeira metade do século XIX é marcada ainda pelo auge da escravidão, além da mentalidade e cultura escravista da sociedade, o tráfico negreiro era uma atividade bastante rentável. Possuir um escravo nessa época assegurava o status de ser bem sucedido, proporcionava a mão de obra, força de trabalho, além de que o próprio comércio dos negros era uma atividade lucrativa e que movimentava a economia do país.

O aumento da população branca aumentou a demanda por escravos para construir casas e edifícios públicos, assim como para trabalhar como criados domésticos. Dessa forma, a presença do negro escravizado no espaço urbano era, mais do que normal, vista como necessária (BARRA, 2015, p. 4).

O fim do século XIX também é marcado pelo aumento da população e conseqüentemente a expansão do território urbano, assim como melhorias na infraestrutura da cidade, a consolidação do capitalismo e a tentativa de reorganizar o espaço urbano a partir de novos conceitos de beleza, limpeza e civilidade, no entanto, a transição é lenta e esbarra na total falta de estrutura e na questão econômica.

Nesse momento, a sociedade estava dividida basicamente em três classes, a elite (brancos, proprietários de terras e escravos), os escravizados (força de trabalho), e os livres, da qual fazia parte uma pequena parcela da população de homens e mulheres pobres, pequenos comerciantes que, embora livres, viviam em péssimas condições, sua remuneração era baixa e seus trabalhos desvalorizados. Comumente exerciam funções do setor de comércio e serviços urbanos como transporte, abastecimento e manufaturas.

Nesse sentido Barra (2015), nos sugere que o contexto do Rio de Janeiro após a vinda da família real é de duas cidades que se expressavam de maneiras diferentes em relação à sociabilidade. Enquanto havia uma busca pela civilização a maneira europeia, com a construção de teatros e a adoção de comportamentos, havia também a confluência dos costumes negros e mestiços. Não são duas cidades distintas, segundo o autor, mas que se sobrepõe e que embora muito divergentes, dividem o mesmo espaço. “Duas cidades que, apesar de divergentes em muitos pontos, não existiam isoladamente, que por dividir o mesmo espaço, apresentavam necessários pontos de contato, trânsito e trocas culturais” (BARRA, 2015, p.21).

Por outro lado, para Antonio Gramsci, houve a criação de uma “classe nacional”, não por uma questão territorial, mas por sua configuração de alcance nacional. Pertencia aos senhores, o domínio econômico e político do país, sendo que governavam apenas em favor de seus próprios interesses e beneficiando uma pequena parcela de privilegiados. Além disso, era uma classe sustentada pela escravidão já que o trabalho era visto como desonroso, como vergonha.

Junta-se a esse contexto o surgimento da República no Brasil e a abolição da escravidão que desenvolvem progressivamente mudanças sociais, ideológicas e também a mentalidade da população. É nessa conjuntura republicana que surgem os cortiços, resultado tanto do desenvolvimento desordenado da população, quanto da chegada massiva de imigrantes, cujo objetivo era instalar a grande massa da população que trabalhava nos grandes centros - e para a elite - mas que deveria viver longe, nas periferias. Ali não havia planejamento urbano ou um plano habitacional, infraestrutura, segurança ou políticas públicas efetivas. É nesse cenário que situamos a obra “O cortiço” (1890) de Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo que nasceu em São Luís do Maranhão no dia 14 de abril de 1857, onde estudou até

os 19 anos dedicando-se mais precisamente à pintura. No ano de 1876 muda-se para o Rio de Janeiro e estuda na Academia Imperial de Belas Artes e logo passa a colaborar com caricaturas, desenhos e poesias na imprensa. Em 1879, após a morte de seu pai, retorna para São Luís e dedica-se à literatura, em 1880 publica seu primeiro romance “Uma lágrima de mulher”, com apenas 23 anos. Logo com o primeiro romance agrada o público e faz sucesso, no ano seguinte publica “*O mulato*” um dos seus livros mais conhecidos e que inaugura o Movimento Naturalista no Brasil. No entanto, a obra é marcada pela crítica que o autor faz à sociedade, e conseqüentemente não é bem aceita. Regressa então ao Rio de Janeiro e torna-se mais tarde um escritor profissional, vivendo exclusivamente de suas produções. Em 1890 publica *O cortiço*, e inova trazendo para a literatura a discussão do processo de constituição da nação brasileira através da miscigenação racial e cultural.

O objetivo desse trabalho é buscar na obra analisada referências desse contexto e perceber as relações existentes nesse momento de grandes transformações histórico-político-sociais e de formação das cidades e da nação. Devemos levar em conta dois pontos importantes: o autor estava inserido no contexto que busca retratar, dessa forma, submetido à carga ideológica do contexto, além disso, trata-se de uma obra literária. Dessa forma, o papel do romance não é o de apresentar os fatos, o real, exatamente como ocorreu, mas um olhar, a perspectiva de uma determinada situação. Dessa forma pensamos na formação das classes dominantes e na construção de uma identidade nacional e percebemos que a obra analisada apresenta, sem dúvida, uma fatia desse percurso histórico.



## 2 ANÁLISE DA OBRA

O romance “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, foi publicado em 1890 e nos mostra o dia a dia de um cortiço retratando o contexto transitório das relações de trabalho que marcaram o Brasil do fim do século XIX, o aumento da população, o crescimento desordenado das cidades, assim com a falta de planejamento urbano. De um lado a ascensão da visão liberal capitalista, de outro a visão do trabalho servil e, segundo Antonio Cândido (2004), a coexistência do explorado e do explorador, junções que ganham destaque na obra uma vez que a trama da narrativa é toda construída em função do trabalho e moradia e das relações que se estabelecem em torno desse universo.

O cenário da obra é o Rio de Janeiro oitocentista e suas mazelas sociais, econômicas e políticas, e tem como pano de fundo a realidade cotidiana, a questão do preconceito quanto à cor e à classe social e a busca pela ascensão social a qualquer preço. Através das personagens Aluísio Azevedo faz um retrato da sociedade da época sustentando o enredo na história brasileira através de dois espaços, representadas por dois ambientes distintos, embora próximos espacialmente, o cortiço e o sobrado.

João Romão, personagem central da obra, é apresentado com um homem que luta com todas as forças e “trapaças” para enriquecer. Inicialmente, era empregado de um comerciante, com quem trabalhou dos 13 aos 25 anos, “e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro” (AZEVEDO, 1997, p. 7). Torna-se então o dono da venda e ao longo da narrativa percebemos a sua lenta ascensão social. Faz amizade com a vizinha Bertoleza, uma escrava quituteira, que podia trabalhar na cidade desde que pagasse uma grande quantia ao seu senhor. Era uma mulher forte que se dedicava ao trabalho do nascer ao por do sol, assim conseguia pagar o dono e ainda lhe sobrava dinheiro que economizava para comprar a carta de alforria. João Romão ganha a confiança de Bertoleza e passa a administrar seu dinheiro e suas vendas, assim, dá início a sua fortuna e a engana dizendo-lhe ter comprado sua carta de alforria. Os dois passam a viver juntos e seguem trabalhando dia e noite buscando melhorar sua condição

“empilhando privações sobre privações, trabalhando e mais a amiga como uma junta de bois” (AZEVEDO, 1997, p.7). Não tarda para Romão ter condições de comprar lotes ao lado de sua mercearia e iniciar a construção do que mais tarde se torna o cortiço.

Outro personagem importante da trama é Miranda, um negociante português, que junto a sua esposa D. Estela, vem morar em um sobrado exatamente ao lado do cortiço de João Romão e inveja a fortuna e a ascensão do vizinho. O fim da história é trágico, João se apaixona por Zulmira, a filha de Miranda, que a negocia. Romão precisa livrar-se de Bertoleza – uma vez que enriquecido deve também livrar-se dos hábitos do passado e agir como sugere o seu novo grupo social – para isso, encontra o filho do seu senhor e entrega a escrava, ela após a decepção e não conseguindo fugir se suicida. A trama é basicamente essa, no entanto, tanto o espaço quanto os personagens vão aparecendo de maneira gradativa, sendo construídos, assim como acontecia com a nação e com construção das cidades.

Podemos dizer que além das personagens tradicionais Aluísio inova transformando o espaço em personagem, ou seja, o próprio cortiço é um personagem da trama, que nasce com materiais roubados de outras construções da cidade e, ao fim, morre em um incêndio. Segundo Bosi (1975), Aluísio “ateve-se à sequência de descrições muito precisas onde cenas coletivas e tipos psicologicamente primários fazem, no conjunto, do cortiço a personagem mais convincente do nosso romance naturalista. Existe o quadro: dele derivam as figuras.”. Percebemos que se trata de uma vida também pela descrição do autor: “Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas” (AZEVEDO, 1997, p.35) e o ambiente vai ganhando vida e forma:

[...] Aluísio fez recuar os personagens, pessoalmente, para um plano quase que secundário; o que se encontra no primeiro plano é uma dualidade de existências coletivas e simbólicas: o sobrado patriarcal e a habitação dos cortiços. Não são os personagens que determinam a ação; é a ação, resultante do ambiente, que vai criando e movimentando os personagens. [...] Na verdade, o principal personagem neste romance nem é João Romão, nem Bertoleza, nem Miranda, nem Rita. O principal personagem é o cortiço, que aparece, documentariamente, em toda a sua história: os seus princípios, na sua plenitude e na sua decadência. [...] é a cidade do Rio de Janeiro numa das fases mais particulares e mais características da sua formação histórica. (LINS, sd.)

A obra pertence ao Naturalismo que surge no Brasil como uma extensão do Realismo, dessa maneira incorpora algumas de suas características como a objetividade, a observação tanto da realidade como do ser humano, busca a verossimilhança juntamente com a visão cientificista da época e dá ênfase às relações de trabalho vividas pelos personagens. Na Europa o início do Realismo foi marcado pela obra *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert e em seguida pela influência literária de Émile Zola. As obras naturalistas são marcadas pela experimentação e observação científica, onde a análise da sociedade é feita a partir de personagens simples e que são pacientes aos fatores históricos e sociais. Além disso, têm como característica um olhar mais atento às classes mais baixas, o proletariado, os marginalizados, por exemplo. Segundo Antonio Cândido (2004), está claro a influência de Zola na obra de Azevedo:

Aluísio Azevedo se inspirou evidentemente em *L'Assommoir*, de Emile Zola, para escrever *O Cortiço*, e por muitos aspectos o seu livro é um texto segundo, que tomou de empréstimo não apenas a idéia de descrever a vida do trabalhador pobre no quadro de um cortiço, mas um bom número de motivos e pormenores, mais ou menos importantes (CÂNDIDO, 2004, p.112).

Além disso, não havia no Brasil obra que retratasse a coexistência de tantos grupos raciais, *“justificada na medida em que assim eram os cortiços e assim era o nosso povo, é claro numa perspectiva pessimista, como a dos naturalistas em geral e a de Aluísio em particular.”* (CÂNDIDO, 2004, p.120). *“O cortiço”* trata ainda da questão de urbanização das cidades, especialmente o Rio de Janeiro, capital da província, e conseqüentemente o aparecimento dos cortiços, como núcleos habitacionais que reunia um grande número de trabalhadores livres, das mais diversas áreas e funções, pobres, que vivam em péssimas condições de moradias e infraestrutura. Esses trabalhadores, vividos pelos personagens da obra, também apresentam visões diferentes das relações de trabalho da época:

Assumindo uma perspectiva do alto, de narrador onisciente, ele fazia distinção entre a vida dos que já venceram, com João Romão, o senhor da pedreira e do cortiço, e a labuta dos humildes que se exaurem na faina da própria sobrevivência. Para os primeiros, o trabalho é uma pena sem remissão, pois a fome de ganho não se sacia e o frenesi do lucro - "uma moléstia nervosa, uma loucura", como a que empolga Romão - arrasta às

mais sórdidas privações, a uma espécie de ascese às avessas, sem que um limite "natural" e "humano" venha dar ao cabo a desejada paz. Já nos pobres, na "gentalha", como os chama, o trabalho é o exercício de uma atividade cega, instintiva, não sendo raras as comparações com vermes ou com insetos, sempre que importa fixar o vaivém dos operários na pedreira ou das mulheres no cortiço. (BOSI, 1975, p.165)

Quando pensamos na literatura brasileira do século XIX vemos na representação da história o processo de formação de classes, a relação com o trabalho e a conquista do poder traduzidos de maneiras diferentes. Na obra Aluísio de Azevedo essa representação das classes aparece de maneira bastante crítica através dos personagens centrais João Romão e Miranda, que representam momentos distintos do processo de formação de classes. No primeiro, o autor destaca os que através do trabalho, do roubo e do prestígio conseguem a ascensão social.

Que milagres de esperteza e de economia não realizou ele nessa construção! Servia de pedreiro, amassava e carregava barro, quebrava pedra; pedra, que o velhaco, fora de horas, junto com a amiga, furtavam à pedreira do fundo, da mesma forma que subtraíam o material das casas em obra que havia por ali perto. (AZEVEDO, 1997, p.17).

Sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, comprando por dez réis de mel coado o que os escravos furtavam da casa dos seus senhores, apertando cada vez mais as próprias despesas, empilhando privações sobre privações (...) (AZEVEDO, 1997, p. 17).

No entanto, esse grupo depois de estabelecido como classe dominante pela conquista de bens materiais não se dá por satisfeito e busca, em um segundo momento, a legitimação perante a sociedade, ou seja, buscavam a aceitação e o pertencimento à elite. Dessa forma, João Romão, que após participar de uma grande festa no sobrado de Miranda percebe-se como alheio à classe do vizinho, sente-se inferior e a partir de então seu desejo é de ser reconhecido pela alta sociedade carioca. Esse reconhecimento só seria possível casando-se com Zulmira, filha de Miranda.

Mas, só com lembrar-se a sua união com aquela brasileira fina e aristocrática, um largo quadro de vitórias rasgava-se defronte da desinsofrida avidez da sua vaidade. Em primeiro lugar fazia-se membro de

uma família tradicionalmente orgulhosa, como era, dito por todos, a de D. Estela; em segundo lugar aumentava consideravelmente os seus bens com o dote da noiva, que era rica; e em terceiro, afinal, caber-lhe-ia mais tarde tudo o que o Miranda possuía, realizando-se deste modo um velho sonho que o vendeiro afagava desde o nascimento da sua rivalidade com o vizinho. (ALUÍSIO, 1997, p.188).

O triunfo de João Romão é completo ao final da obra, quando junto com a construção do novo cortiço ele constrói um sobrado ainda melhor que o de Miranda, agora seu sogro, o que confirma sua entrada definitiva a uma classe superior.

[...] começou a ser visto com freqüência na Rua Direita, na praça do comércio e nos bancos, o chapéu alto derreado para a nuca e o guarda-chuva debaixo do braço. Principiava a meter-se em altas especulações, aceitava ações de companhias de títulos ingleses e só emprestava dinheiro com garantias de boas hipotecas. (AZEVEDO, 1997, p. 81).

Agora o novo cortiço, ganha outro nome e também outro público, há uma seleção por parte de Romão, percebemos nesse momento que o personagem já incorporou o pensamento higienista da época:

E, como a casa comercial de João Romão, prosperava igualmente a sua avenida. Já lá se não admitia assim qualquer pé-rapado: para entrar era preciso carta de fiança e uma recomendação especial. Os preços dos cômodos subiam, e muitos dos antigos hóspedes, italianos principalmente, iam, por economia, desertando para o “Cabeça-de-Gato” e sendo substituídos por gente mais limpa. Decrescia também o número das lavadeiras, e a maior parte das casinhas eram ocupadas agora por pequenas famílias de operários, artistas e praticantes de secretaria. O cortiço aristocratizava-se. (AZEVEDO, 1997, p.125).

Aluísio, por meio de seu personagem Miranda, também ironiza e critica uma elite, já estabelecida, que vive de aparências, que está por detrás de máscaras sociais e modelos pré-estabelecidos, em sua maioria vindos da Europa, e que na colônia não tinham sentido, era apenas um jogo de aparências. Ainda com esse personagem aparece a questão da traição e do adultério, assim como a crítica de Azevedo aos casamentos por conveniência, a ascensão social, a caça aos dotes, a infidelidade.

(...) Ainda antes de terminar o segundo ano de matrimônio, o Miranda pilhou-a em flagrante delito de adultério; ficou furioso e seu primeiro impulso foi de mandá-la ao diabo junto com seu cúmplice; mas a sua casa comercial garantia-se com o dote que ela trouxera, uns oitenta contos em prédios e ações da

dívida pública, de que se utilizava o desgraçado tanto quanto lhe permitia o regime dotal. Além de que, um rompimento brusco seria obra para escândalo, e, segundo a sua opinião, qualquer escândalo doméstico ficava muito mal a um comerciante de certa ordem. (AZEVEDO, 1997, p.19)

Nesse trecho percebemos a relação do marido com o dinheiro da esposa, afim apenas de manter-se em uma condição de negociante de certo prestígio, ainda que lhe custasse uma traição de sua esposa e a importância das “aparências” e das máscaras sociais desse contexto, onde os escândalos não poderiam acontecer. Ao final da narrativa esse personagem vaidoso e ambicioso, é capaz de negociar a própria filha, por quem João Romão está apaixonado, evidenciando o casamento também como uma forma de ascensão social. Miranda, que no início da obra vê o vizinho e o cortiço com repugnância e desdém passa a invejar o seu sucesso e ascensão, ao fim também busca mais uma forma de segurança financeira com o casamento da filha.

Além de João Romão e Miranda, aparecem no romance outros portugueses em papéis secundários, no entanto, vistos pelos brasileiros com superiores. Jerônimo é um personagem que ganha destaque na obra, um português que trabalha na pedreira, é apresentado com um homem honrado, honesto, íntegro, que ganha a confiança de João Romão, mas que ao decorrer da obra apaixona-se por Rita Baiana e deixa sua esposa para viver o romance. No entanto Aluísio descreve também a mudança de comportamento e de caráter do personagem, que teria abasileirado-se:

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abasileirou-se. A sua casa perdeu aquele ar sombrio e concentrado que a entristecia; já apareciam por lá alguns companheiros de estalagem para dar dois dedos de palestra das horas de descanso, e aos domingos, reunia-se gente para o jantar. A revolução afinal foi completa: a aguardente de cana substituiu o vinho; a farinha de mandioca sucedeu à broa; a carne-seca e o feijão-preto ao bacalhau com batatas e cebolas cozidas, a pimenta-malagueta, e a pimenta-de-cheiro invadiram vitoriosamente a sua mesa [...] e desde que o café encheu a casa com seu aroma quente, Jerônimo principiou a achar graça no cheiro do fumo e não tardou a fumar também com os amigos (AZEVEDO, 1997, p. 75).

Azevedo cria um personagem que, em decorrência do convívio com os colegas de trabalho, muda completamente seus hábitos e também o seu caráter. Não é o único, o próprio Romão muda seus hábitos para pertencer a um novo grupo

social, no entanto, dois personagens que chegaram ao Brasil com condições similares traçam caminhos completamente diferentes. Uma vez que Jerônimo abraçava-se, perde o espírito de economia e de ordem, perde, segundo o narrador, a esperança de enriquecer, acaba tornando-se o explorado pelo explorador, seu conterrâneo.

O aumento desordenado da população e conseqüentemente a expansão do território urbano também são fatores que marcaram o fim do século XIX. Paralelo à consolidação do capitalismo, houve uma grande tentativa de melhorias na infraestrutura da cidade e de reorganizar o espaço urbano a partir de novos conceitos de beleza, limpeza e civilidade, no entanto, a transição é lenta e esbarra na total falta de estrutura e na questão econômica. A cidade do Rio de Janeiro era dependente de uma economia agrária e não teve um planejamento e políticas públicas adequadas. Um fator agravante a esse plano era a falta de condições higiênicas e constantes epidemias, os cortiços só adensavam os números visto a deterioração das moradias. Constantemente havia esforços públicos para acabar com essas habitações coletivas.

Como citado anteriormente, Barra (2015), nos sugere que o contexto do Rio de Janeiro após a vinda da família real é de duas cidades que se expressavam de maneiras diferentes em relação à sociabilidade. Essa relação é observada em diversos pontos da narrativa, o cortiço é uma sociedade a parte, com suas leis (ou sem elas), suas confusões, brigas, romances, etc., representando essa cidade marginalizada, força de trabalho da elite, mas que tem de viver longe dela. Já o sobrado e a família do comerciante Miranda representam a elite, com uma vida luxuosa, regada a festas e mordomias. Lado a lado são as duas cidades, dois mundos distintos que se sobrepõe e dividem o mesmo espaço, representando a dualidade da sociedade carioca do século XIX.

Entretanto, a rua lá fora povoava-se de um modo admirável. Construía-se mal, porém muito; surgiam chalés e casinhas da noite para o dia; subiam os aluguéis; as propriedades dobravam de valor. Montara-se uma fábrica de massas italianas e outra de velas, e os trabalhadores passavam de manhã e às Ave-Marias, e a maior parte deles ia comer à casa de pasto que João Romão arranjara aos fundos da sua varanda. Abriram-se novas tavernas; nenhuma, porém, conseguia ser tão afreguesada como a dele. Nunca o seu negocio fora tão bem, nunca o finório vendera tanto; vendia mais agora, muito mais, que nos anos anteriores. Teve até de admitir caixeiros. As mercadorias não lhe paravam nas prateleiras; o balcão estava cada vez mais lustroso, mais gasto. E o dinheiro a pingar, vintém por vintém, dentro

da gaveta, e a escorrer da gaveta para a barra, aos cinquenta e aos cem mil-réis, e da burra para o banco, aos contos e aos contos (AZEVEDO, 1997, p. 24).

Ao longo na narrativa podemos observar ainda, o modo como se relacionavam os personagens da elite com seus escravos e empregados. Bertoleza, no início da narrativa é uma escrava que, embora possa trabalhar com os seus quitutes, deve pagar mensalmente uma quantia ao seu senhor. A sua relação com a escravidão que ao longo da narrativa parece estar resolvida (Bertoleza acreditar ter em mãos sua carta de alforria), ao fim o narrador surpreende o leitor com a chegada do filho do dono da escrava, que vem reclamar sua propriedade, na verdade, esse foi o jeito que João Romão encontrou para se ver livre da amante. Nesse ambiente os senhores e senhoras dependiam dos escravos para que suas vidas funcionassem, tanto em relação ao trabalho gerador da economia nacional, a manutenção de suas casas e vidas confortáveis, quanto ao status de se ter um escravo. Em certa medida o apoio de Bertoleza e o dinheiro que confiou à Romão a administração serviram para ele como uma alavanca para seu ascenso social, ele usa não apenas de sua mão de obra, mas também de suas economias quando a engana dizendo ter lhe comprado a carta de alforria, a escrava era para ele o caixeiro, a criada e a amante.

A questão da escravidão e as relações de trabalho fez parte do contexto do período colonial e conseqüentemente esteve presente na literatura e nas obras de Aluísio Azevedo, tanto em *O cortiço* como em outras de suas produções. A questão da escravidão remonta da colonização, onde os índios foram escravizados pelos portugueses, embora sem muito sucesso. No entanto, uma segunda alternativa surgiu com os negros trazidos da África. As condições eram péssimas, eram visto como mercadorias desde o transporte à condição do trabalho, conseqüentemente tinham uma baixa expectativa de vida. Ainda assim, o tráfico e a comercialização dos escravos era uma atividade lucrativa, em alguns casos os escravos valiam mais que terras.

O modo de construção do romance misturando a natureza com o relacionamento de diversos grupos raciais e sociais fizeram do *Cortiço* um representante de uma realidade nacional, um retrato, através do espaço de um cortiço, do país todo. Encaixando-se na perspectiva naturalista também reflete a



ambiguidade do contexto brasileiro, de um lado as aspirações liberais, teorias modernas e inovadoras, cientificistas, por outro lado a consciência do nosso atraso e nossas diferenças em relação aos modelos europeus e a constante busca pela modernização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hayden White (2001) afirma que até pouco antes da Revolução Francesa a historiografia era considerada uma arte narrativa, seu valor literário era reconhecido, é a partir do século XIX que os historiadores passam a identificar a verdade como fato e considerar a ficção o oposto de verdade. “A história passou a ser contraposta à ficção, e, sobretudo ao romance, como representação do “real” em contraste com a representação do “possível” ou apenas do “imaginável””.

Dessa forma, o papel do romance não é o de apresentar os fatos, o real, exatamente como ocorreu, mas um olhar, a perspectiva de uma determinada situação. É nesse contexto que pensamos na construção de uma identidade da literatura brasileira do século XIX e situamos a obra de Aluísio Azevedo. A partir da leitura percebemos uma fatia do percurso histórico da sociedade oitocentista carioca na formação das classes e das relações de trabalho construídas a partir dos elos com a escravidão, com os imigrantes, a formação das cidades, a abolição e a Proclamação da República. A cidade do Rio de Janeiro cresce dentro de um modelo capitalista, beneficiando as elites agrárias e industriais e deixando à margem uma maioria que viviam as periferias das cidades em condições de extrema pobreza e sem qualquer infraestrutura.

A obra analisada neste trabalho está permeada de exemplos das relações entre as três classes citadas inicialmente, a elite, os escravos e os livres. Esse modelo social é resultado do percurso histórico, a escravidão era comum naquele contexto. Foi necessário um longo processo e tempo para que as relações e principalmente a mentalidade mudassem, essas mudanças novamente dão vez à história, com a consolidação do capitalismo, novas relações de trabalho, a chegada dos imigrantes europeus, que estavam dispostos a trabalhar, não viam o trabalho como uma atividade desonrosa, as novidades da república e, claro, a passos lentos, a chegada de uma modernização. Nesse contexto está em discussão a formação da identidade nacional, a constituição da nação brasileira, que acontece também em virtude da miscigenação racial e cultural. Além da luta pela sobrevivência e das relações sociais Aluísio evidencia a construção da nação.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1997.
- BARRA, Sérgio Hamilton da Silva. **A cidade corte: o Rio de Janeiro no início do século XIX**. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/55CD/SergiohamiltondasilvaBarra.pdf> 1º Colóquio Internacional de História Cultural da Cidade. Acessado em: 13/10/2018.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In:\_\_\_\_\_. **O discurso e a cidade**. 3. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004.
- LINS, Álvaro. **Jornal de Crítica** – segunda série. Rio de Janeiro: José Olympio.
- MACHADO, Gisele Cardoso de Almeida. A difusão do pensamento higienista na cidade do Rio de Janeiro e suas consequências espaciais, 2011. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308340710\\_ARQUIVO\\_GiseleCardosod eAlmeidaMachado-ANPUH.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308340710_ARQUIVO_GiseleCardosod eAlmeidaMachado-ANPUH.pdf) Acessado em 12/02/2019.
- REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Duas cidades, 2000. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2014/04/schwarz-um-mestre-na-periferia-do-capitalismo.pdf> Acessado em: 12/02/2019.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 1994.